

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. III,

Domingo 30 de Novembro de 1856.

N. 14.

LITTERATURA.

Paginas Intimas.

XIV.

ESTUDOS HISTORICOS

I

VIRIATO

XIV.

O Senado Romano convencido de que a authoridade dos Pretores continuava a servir de incentivo aos brios da gente Lusitana, e ainda mais porque nenhum d'elles conseguira destruir a principal causa d'essa guerra encarnçada, resolveu mandar á Hespanha um dos Consules eleitos no anno 143, antes de Christo.

Fabio Emiliano, filho de Paulo Emilio, celebre pela conquista da Macedonia, e irmão de Scipião, não menos pela total ruina de Carthago, partio de Roma em direcção á Hespanha, com ordem de tomar toda a gente que julgasse necessaria. Conseguiu pois reunir um exercito de quinze mil infantas, e dous mil cavallos. Foi com este immenso poder que elle entrou na cidade de Orsona, depois Ossuna segundo Morales, tratando logo de obter todos os esclarecimentos sobre Viriato, o qual continuava com as suas excursões pelas terras de Andaluzia.

Os naturaes attribuiam a Viriato um poder sobrenatural, a quem devia os seus repetidos triumphos. Este boato chegou até as tropas de Fabio, e como era de suppor, produziu n'ellas bastante impressão.

Aquelle procurou destruil-as com a promessa de uma proxima victoria, accrescentando que o seu fito era bater-se até apresionar Viriato ou matal-o. Este logu que soube da vinda do Consul, e do grande exercito que o acompanhava, quiz provar mais uma vez que a coragem era n'elle uma das principaes qualidades. Como não podia offerecer-lhe batalha, devido á grande destancia em que se achavam um do outro, repetio

as scenas de desolação com que celebrava a chegada de um novo Pretor, e cuidou em guarnecer de gente sua as cidades que hia tomando. Estas e outras cousas despertaram o ardor bellico de Emilio, porém naturalmente devoto dos deuses quiz primeiro visitar o templo de Hercules que era proximo de Cadiz, esperando sem duvida que os sacrificios que hia fazer em sua honra, apelassem o resentimento do seu predilacto, o qual se inclinara até ali mais para os Lusitanos do que para os seus compatriotas. Partio com effeito, e recommendou expressamente aos capitães Romanos que não tentassem nada contra Viriato, em quanto Fabio estivesse ausente. O nosso heroe tinha-se aproximado do acampamento inimigo. Como preludio de uma melhor derrota, atacou uma partida de Romanos, que procuravam pelas immediações do campo lenha e viveres para o exercito, mas estes poderam avisar algumas companhias, e o resultado hia sendo fatal para Viriato. As fileiras de seus batalhões começavam a voltar costas ao inimigo, aquelle sobranceiro sempre a todos os perigos, faz ouvir sua imperiosa voz, e em pouco tempo ficava senhor do campo. Por este tempo chegou Fabio. As suas ordens não tinham sido executadas, e com quanto a culpa não fosse dos Tribunos e capitães, elle fez sentir o quanto lhe desagradavam as novas que o esperavam. No dia seguinte começou o descontentamento a lavrar entre os seus batalhões.

Compostos na maior parte de gente moça e pouco habituada aos combates que testemunhavam, a coragem dos Lusitanos, a galhardia com que combatiam, e sobre tudo os precedentes, authorisavam a estas e outras apprehensões, e bem custou a Fabio chamal-os a melhores sentimentos. O Consul era um perfeito e experimentado capitão. Nenhum até ali lograra fazer o que hia acontecendo, pois que Viriato não podia empregar com elle os ardiz do costume, limitando-se a uma defeza parcial que contribuia para enfracuecer o animo dos Lusitanos. Fabio acompanhava em pessoa as companhias encarregada de colher a lenha e os viveres para o seu exercito, e sabia subtrahir-se de tal modo aos stratagemas de Viriato, que este arrancava cabellos possuido de raiva. O Consul conheceu que era

ocasião opportuna para atacar. Os Lusitanos estavam acampados a meia legua dos Romanos. Convém advertir que Viriato dispunha de pouca gente, e esta inexperiente na maior parte.

Os inimigos avançavam com essa coragem que nasce da certeza de *victoris*, e poderam surpreender os nossos. O momento era solemne! Cumpria a Viriato não desmentir a popularidade de que gozava, e era urgente lançar mão de todos os recursos de seu espirito para impedir uma derrota completa. Dividio como costumava os seis mil homens de que dispunha, e aguardou os Romanos. Sentimos não descrever com as brilhantes côres de uma rara intelligencia as gentilezas praticadas pelos Lusitanos! E' n'um caso d'estes que se torna precisa uma descripção fiel, mas colorida de tal forma, que desperte nos leitores o interesse e a curiosidade, porém, se tentasse-mos imitar os grandes modelos, temos convicção de que ficaria-mos muito a quem de uma narrativa pittoresca, e é por isso que nos contentamos em reproduzir com mais simplicidade o que a este respeito escreveram Tito Livio, Laymundo e Apiano.

(Continúa).

XAVIER PINTO,

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação).

A convalescença de Domingos foi demorada. Elle ardia de impaciencia por saber se Luiza tinha ido para casa de seu pai, ou se estaria ainda com a velha Martha. Não podendo, apesar dos seus esforços, informar-se a respeito, pediu ao camponez que o salvára para se dirijir á casa d'aquella, e obter algumas informações. O camponez aquiesceu a este pedido, e voltou com as novas de que os nossos leitores tem já conhecimento. Domingos soltou um rugido de raiva, e quiz sahir. Foi em vão que lhe representaram que o seu estado não permitia ainda o maior excesso, o preto a nada attendeu, pediu o cavallo agradeceu ao camponez e partio. Encaminhou-se para a casa da Martha, e interrogou-a. Esta disse-lhe resumidamente o que acontecera, encobriudo-lhe as particularidades da luta entre Luisa e Lourenço. Não sabia direcção que tomaram? Não..... mas escute. Martha reflectio empouco, e proseguio. Lourenço tem relações d'amizade em Armamar. Travanca São Thiago, e sobre tudo em Fontello. E' em qualquer d'estas partes que o encontrará, a conselhe-lhe porem que se quizer tentar alguma coisa contra elle o faça com o auxilio da authoridade.

Isso fica por minha conta, respondeu Domingos. E despedindo-se de Martha, tomou a direcção de Armamar. Aqui obteve elle alguns esclarecimentos, mas a dubiedade d'elles o forçaram a procurar Travanca. Lourenço seguira uma estrada inteiramente opposta, assim Domingos teve de retroceder. Ja desesperava dasua boa estrella quando por um feiz acaso lhe disseram que aquelle sahira de Armamar em direcção de Fontello. Comestas pesquisas passarã-m-se trez dias. No quarto estava o preto n'esta pequena villa. Erão quatro horas quando elle entrou n'ella, e o seu primeiro cuidado foi tomar conhecimento com algumas velhas beatas que tem a habilidade de trazer na ponta da lingua a vida privada da gente do campo. Como uma d'essas feiticeiras o conseguiu é o que ignoramos: sabemos porém que Domingos hia ficar em contacto com Lourenço, e apezar d'este ter abandonado a casa em que o deixamos ameaçando Luiza, havia as mais bem fundadas esperanças para um combate entre os dous.

Agora que Domingos está sob nossas vistas, voltemos á quinta do morgado....

Luiza como dissemos já, olhava Lourenço a furto. Ella previa que a tempestade hia rebentar, porém mais violenta que nenhuma dos precedentes. Animada agora d'essa coragem intima que nos precepita—a joven esperava com impaciencia o final d'este embate de paixões violentas e variadas. Lourenço aproximou-se d'ella, encarou-a por algum tempo, e disse: Dou-te cinco minutos para *escreveres* a declaração da minha innocencia.

Luiza não respondeu. O malvado tirou o relógio, e redarguiu.

Tens apenas quatro minutos, O mesmo silencio. Trez, continuou elle... Dous e o que falta é o tempo necessario para dirigires uma prece a Deos, porque vaes morrer. Luiza levantou-se magestosa e altiva como uma rainha, aproximou-se bem de Lourenço, encarou-o como elle lhe fizera, e com um socego provocador, respondeu: Duas palavras bastam para o desarmar, Sr. Lourenço, e até acresceto que posso com ellas forçal'o a ajoelhar-se a meus pés, e implorar o perdão.... que não estou resolvida a conceder-lhe. Aquelle sorrio-se ironicamente, segurou no braço de Luiza e puchou d'um punhal: A declaração ou a morte, bradou elle. Nem uma nem outra cousa, disse Luiza... Lourenço hia a ferir... Assassino de João Pinheiro — completa a tua obra! Lourenço recuou alguns passos. Lembra-te da matta do coronel Fonseca, a cruz da encrusilhada!

Luiza teve medo... A phisionomia do malvado tomou um character tal de ferocidade, que ella recuou alguns passos, A revelação inesperada de uma cousa, que elle julgava sepultada nas trevas

do mysterio, produzio n'elle tal impressão, que o sangue gelou-se-lhe nas veias, e não pode pronunciar a mais minima palavra.

Esta revolução porém durou poucos minutos, foi então que Luiza recebeu, e conhecendo que estava perdida sem remedio foi pouco a pouco encostando-se para a porta, e aproveitando-se do espanto Lourenço deu volta á chave, pedindo ao mesmo tempo soccorro. O infame raptor deu um pulo de panthera, o corredor estava escuro; era tal a sua raiva que descarregou repetidos golpes em redor de si, pensando ferir Luiza. Esta, louca de desespero, baluciava uma ultima oração, quando os creados da casa appareceram no lugar da scena, que ficou allumiado. Lourenço correu sobre Luiza de punhal alçado. Não logrou o seu intento pois que dois dos creados desarmaram-no em um momento. Assassino, bradava Luiza na mais alta escala da indignação, assassino! Elle debatia-se no meio dos creados, soltando gritos entrecortados de raiva feroz. Em nome de Deos senhores, ponde esse homem em estado de nada tentar contra mim, elle assassinar-me-hia como assassinou a João Pinheiro! Oh! bradou Lourenço rangendo os dentes!. Um dos creados tinha uma força bruta, era elle que o conservava n'uma distancia respeitosa de Luiza, e esta pallida e arquejante procurava subtrair-se aos olhares de raiva que lhe lançava aquelle, que cedeu por fim ao cansaço. João, disse o corajoso creado, vae a Fontello chamar o *Regedor*, eu guardarei este homem. Não, não, morrerei, mas antes disso quero beber o sangue daquella mulher, dizia Lourenço debatendo-se no chão. Vae, tornou elle para o creado, mas conduz essa menina á casa de minha mãe.

(*Continúa*).

● que eu amo.

Eu amo ir sentar-me n'um rochedo á beira do mar, e ali, espalhando minhas vistas pela amplidão do espaço, enviar á patria um suspiro sahido do intimo d'alma, o qual possa traduzir as amargas e pungentes recordações que alimento bem longe della.

Eu amo, por uma bella tårde da primavera, e a sós sentado, escutar as notas mysteriosas da natureza que vai adormecer, impellidas pela doce brisa que brinca além.

—Eu amo aspirar as agradaveis emanações das flores sylvestres, e por um movimento espontaneo de reconhecimento, agradecer a Deos o perfume com que dotou essas mimosas filhas da terra.

—Eu amo ouvir bem perto de mim o trinar do terno e mavioso rouxinol, e com elle o canto dos passarinhos festejando alegremente o primeiro arrebol da manhã.

—Eu amo ver o astro brilhante surgir no horizonte, e pouco depois a natureza despertar de todo, celebrando com canticos divinos todas essas bellezas que se identificam nella.

Eu amo ver o sol esconder-se no occaso, e projectar seus fracos, mas avermelhados raios, pelas ribeiras mansamente deslizando-se ao longo das campinas.

—Eu amo ver o pastor ao lado da terna amante, entoando ambos os lindos e apaixonados idyllos, que lhes inspira essa natureza brilhante, que elles contemplam extasiados.

—Eu amo ver a borboleta adejar de flor em flor, libando as doces gottas de orvalho que a noite depositou no calix dellas.

● que eu mais amo.

—Eu amo ver a mãe carinhosa rodear com seus braços o pescoço infantil do menino que brinca em seu collo, e com um apaixonado beijo retribuir-lhe as caricias sem fim que o innocente despende com ella.

—Eu amo ver a donzella ajoelhada ante o altar da Virgem—implorando-lhe com fervor que a preserve das seduções do mundo em que vive.

—Eu amo ouvir os canticos religiosos que as freiras sabem entoar tão bem em um dia de festa solemne.

—Eu amo sobretudo admirar o firmamento marchetado de brilhantes estrellas, em uma noute serena e pura, e poder então recordar saudoso os momentos de doce enlevo que passei na patria, ao lado de meus pais, e das pessoas que constituíam as minhas mais caras e ardentes afeições.

Abril de 1856.

XAVIER PINTO.

POESIAS.**Saudade.**

*Por te ver foi semeada,
Por te não ver a criei.....*

(J. de Lemos.)

Dos ermos na soledade,
Por meus ais interrompida,
Desprende de novo, oh lyra
Uma canção bem sentida.

A tua corda mais branda
Vibra com suavidade ;
Desprende magico som
De ternura e de saudade.

Vem nos meus labios poizar
Triste canção dolorosa,
Vem, ajuda-me a sentir
Ausencia tão amargosa.

Possa teu echo gemente,
Em rouca voz maguada,
Levar nas azas da briza
Tristes ais de minha amada.

Mas ah! que triste loucura
Lá não chegam meus lamentos !...
Quanto se compadecêra
Se soubesse os meus tormentos !

Soltara brando suspiro
Seu coração amoroso,
Se soubesse o quanto soffro
Neste mundo, desditoso.

E quem sabe, inda na mente,
Se lhe adeja o pensamento,
De ser o amor que lhe voto
Origem do meu tormento ?

Mas de que serve no peito
Irigir-lhe amor sem fim,

Se ella talvez nem dirija
O seu pensar para mim.....

Das meigas horas de sésta
Nas suas meditações
Onde irá seu pensamento
Enlevar-se d'afeições ?

Pensará ainda ao menos
Qu'eu a adoro cegamente?
Que por ella me devora
O fogo de amor ardente ?

Talvez que de mim bem longe
O seu fiel pensamento
Em mil prazeres envolto
Só me legue esquecimento!...

Mas se de mim se não lembra
Se no seu pensar m'olvida,
Viverá sempre em meu peito
A sua imagam querida !...

Rio, 24 de novembro de 1856.

M. CORREA BRAGANÇA.

No album do meu amigo

O SR. DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

Nas minhas mãos
Este album lindo
Prazer infindo
Me faz sorver:
Sim quero ver
O que contem,
Se versos tem
Oh ! que prazer!...

Ah ! vou abri-lo ...
Que vejo !.. intacto !
Só co'o retrato
Do seu author ?...

Então senhor !
Vem visitar-me?
Se quer fallar-me,
Ao seu dispôr.

—Quero uns versinhos—
Vem m'os pedir?
Ah! Ah! faz rir
Seu proceder;
Não póde haver
Caso mais duro
Versos, procuro
Não sei fazer!

Pedir-me versos a mim
Que não sei poetisar,
Se fosse poeta sim
Poderia alguns lhe dar;
Eu mesmo quizera ter
O gostinho d'escrever
Neste seu album dourado,
Logo na primeira folha
Sem d'outra fazer escolha
Um poema sublimado!

Mas que fazer, se não tenho
P'ra cantar um alaúde,
Com Apollo em vão m'empenho
Para que ao menos me ajude;
E' inutil não consigo,
O que lhe peço; mas digo
E' espinhosa a tarefa!
Um verso muito bem feito
As vezes perde o preceito
Por causa da sinaléfa.

Se cae nas mãos d'um poeta
Temos a Paschoa ao Domingo
Começa a tocar rabeça
A ler o verso e se rindo;
Pelos dedos a cantar
—Não sabe metrificar—
Brada logo entusiasmado!
Foi apanhado a gancho,
Seja de Pedro ou de Sancho
E' verso de pé quebrado

Nem mais procura saber
Se deve ser desculpado,
Seu author por escrever
Versos, por ser obrigado
Por isso, caro freguez,
Desculpe por esta vez,
Seu album aqui o tem,
Se julgar meu canto rude
Cá por mim fiz o que pude,
Adeos, passe muito bem,

Rio de Janeiro, 14 de Novembro de 1856.

FRANCISCO COELHO MARTINS DA COSTA.

● meu Anjo da Guarda.

Ai ! que noite tão negra ! tão negra !
Tão medonha e horrenda, oh meu Deos !...
Em meu peito só espalha terror
Que mudança na face dos ceos !...

O fusil entre as nuvens lampeja !
O trovão com estampido troa,
Fulminando o corisco lá corre !...
E pelos ares có'o vento lá voa !...

Entre as sombras espessas da noite
So'a imagem d'Allice deviso !
P'ra mim lança um olhar tão divino
Tráz nas faças um mago sorriso !

Vinde, vinde, oh meu anjo da guarda
Vinde, vinde, meu peito alegrar
Em minh'alma só tenho amargura,
Só por ti ella vive a penar !

Os teus olhos tão meigos revelam
Que do ceu tú só és anjo dino...
Oh ! dizei-me se um triste mortal,
Póde amar a um anjo divino ?!...

Não respondes Alice tão bella !
Não respondes, oh anjo innocente
Ah !... tú ficas tão triste a scismar
Que pezares te vagam na mente ?!...

Qu'rida Alice responde, responde!
 Ah! responde, divino composto
 Mas que vejo! teus olhos não brilham,
 Cruel pranto deslisa em teu rosto !!

Oh! tu curvas a fronte tão linda,
 E tão triste teu peito a soltar
 De dor fica, suspiros profundos;
 Que me fazem de dor sontristar !!

E tu, candida virgem, fugiste!
 D'este mundo fugiste p'ros ceos!
 Tu fugiste, meu anjo da guarda
 Morar foste n'Empyreo com Deos!..

21 de Agosto de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CEZAR PINTO.

Fatalidade.

Mulher que as turbas orgulhosa encaras
 E que submissa veem de rainha um olhar,
 Não coras quando do festim após
 Te restam só recordações sem par?

Recordações, que em tua mente pairam,
 Qual d'ellas viva, mais pungente atroz!...
 Recordações que transformam sempre
 Da vida occulta os apertados nós!

Mas tu não podes esquecer que és bella,
 E que essas turbas teus escravos são,
 Mas tu não podes esquecer que deves
 Ferir de entre elles mais um coração.

E o sorrir nos labios lá despenhas um
 Que de teus encantos até ali zombou,
 E esse, louco, como tantos outros,
 D'aí em diante a vaidosa amou.

Amou bastante, e talvez que a morte
 O encontre ainda a vaidosa a olhar,
 Amou bastante, e na mente a esperança
 A' campá desce, porque soube amar!

E tu sorriste, nem sequer na lousa
 Humilde e triste vaes por elle orar;
 Que importa esse que te dá ainda
 Ensejo caro para teu zombar!..,

Outubro, 16 de 1856.

A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

Recordações

A' MINHA PREZADA TIA

D. Anna de Magalhães e Menezes.

Minha tia, nestas plagas;
 Aonde vivo exilado
 Não julgueis, não, da memoria
 Qu'eu vos hei abandonado.

Em todas quantas lembranças
 Tenho da infancia adorada
 Vós dellas, ó minha tia,
 Jámais não sereis riscada!

Com saudade eu lembro tudo
 Que na infancia me cercava,
 Lembro uma mãe e com ella
 Vós tia, a quem tanto amava.

Lembro a avósinha tão cara
 Que tanto bem me queria;
 A quem com minhas folganças
 Eu muita vez entretia.

Lembro os 'stirados abraços
 Que tanta vez eu lhe dei,
 Assim como esses afagos
 Que della em paga aceitei.

Lembro essas manas que foram
 Collegas de meus folguedos...
 De vós, emfim, minha tia,
 Lembro os sorrisos tão ledos!

Lembro ainda esses conselhos,
Tão santos, que vós me destes,
Lembro tudo agradecido
O quanto por mim fizestes.

Tudo.p'ra mim são lembranças
Que trago na triste mente
Onde gravada bem fundo
Jazerão eternamente !

E dellas toda a saudade
Que guarde no coração
Apagal'as só podéra
O crime da ingratidão:

Mas um consolo me resta
Na esperança, ó minha tia,
De feliz viver ainda
Junto a quem amo, algum dia !..

E' nella em quem eu confio,
E' só ella o meu conforto,
E' ella que amo qual nauta
De salvação ama o porto !

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

● suicida.

I.

E' noite !.. onze horas já soaram
Tudo dorme tranquilo, nada s'ouve !..
A brisa murmurando brandamente,
As vagas deslizando-se na arêa,
O sinistro piar do moxo triste
Que d'espáço a espáço se levanta,
A lua que no âmbito docemente
Se mostra tão gentil e deslumbrante,
E mil outras bellezas qu' um poeta
Ennumerar somente poderia;
Tudo isto produz um mago encanto
E inspira poesia tão sublime !..:
Se um ente por acaso inda velasse
Sabendo compr'ender tantas bellezas
Ficaria estatico apenas

Por algumas bem poucas encantado !
Mas que vulto é esse que deviso
Encerrado no ambito mesquinho
D'uma cella tão pobre e resumida ?
Não seria melhor que elle fosse
Da noite admirar sacros mysterios ?!
Esse vulto é um homem pr'occupado
D'uma idéa sinistra e pavorosa,
Idéa que lh'absorve o pensamento ;
As bellezas nocturnas nada podem
Contra a sua razão attribulada,
A vontade de ferro qu' o domina
Póde mais.

Olhai, reparai nelle....

Não vedes o seu rosto tão sombrio ?
Seu olhar taciturno e desvairado ?
Sua mão descarnada.... convulsiva
Apertando o mortifero instrumento
Com que quer arrancar a triste vida ?
Reparai-lh' as feições.... não é tão joven ?
Que razão terá pois este mancebo
Para assim detestar tão cedo a vida ?!

II.

Lá vejo esse homem que só quatro lustros
Apenas contando já quer acabar,
A vida risonha que ora lhe abre
Do bello futuro as portas em par.

Que vejo ?... sentou-se.... pegou no intrumento
Puchou do gatilho... e o tiro partio,
O craneo voou-lhe e o corpo convulso
Sem vida.... sangrento no chão já cahio !

Tão bello, tão joven cessou d'existir,
De tal attentado qual foi a razão ?
Seria caprixo... seria ciume ?..
Seria loucura... seria paixão ?

Loucura não foi, porém foi ciume.
Não foi a caprixo mas sim a paixão;
Por ver uma ingrata calcar juramentos
De amor os protestos pagar com traição.

Mulheres traidoras ! oh! eu vos detesto,
Mas não !.. não é ella e sim um cruel;

Que seu pai chamado fazendo-a mentir
Aos olhos do amante mostrou-se infiel.

Mas ella o amava !... talvez inda chore !...
Porém sem remedio... pois elle morreu !!!
Foi n'ella pensando que a vida arrancou
Foi nella pensando que á campa desceu !...

Rio, 12 de Novembro de 1856.

A. J. de CARVALHO LIMA,

A pobrezinha.

Fui nacida na desgraça
Fui enbalada na dôr,
Quer na rua quer na praça
Por toda a parte me abraça
Um porvir aterrador.

A's portas bato pedindo
Um bocadinho de pão,
Sempre meu rogo é mal vindo
Sempre a voz me vem ferindo:
Deos te soccorra, hoje não.

Se na praça ao caminhante
Vou tal pedido fazer,
Nem me encara, passa avante
Sem que meu ai penetrante
Lhe vá no seio doer.

Ai !.. pobre, pobre não vias
Que o rico não se detem,
Meus dias bem poucos dias
Já contam mais agonias
De que muitas vidas tem.

Vi minha mãe quasi morta
Quasi na campa a cahir,
Porque a fome a ralla e corta
Porque viu fechada a porta
Onde a vida ia pedir.

Ai pobre de mim, eu que venho
A mãe que morre bradar:
Mãe, pão que não me sustenho!
O' filha, filha não tenho
Não tenho pão p'ra te dar;

Mas o soffrer que nos cobre
Oh já o sinto fugir
Porque uma mão bondosa e nobre
Bradou: pão, esmola ao pobre
Não o deixeis succumbir.

Oh quanto Deos amar ha-de
Quem este brado soltou,
Quanto esta nobre cidade
Que os pregão da caridade
Sempre bradou: aqui estou.

Sim, de amparar desgraçados.
Guimarães seu timbre fêz,
Ali seus filhos callados
Dizem mais de que mil brados
Oh diz mais sua mudêz.

Quando amanhã nosso pranto
Em seu riso converter
Ha-de aos céos voar um canto
De tanto estremo de tanto...
Nem eu sei que ia dizer.

Amparai, senhor, os dias
De quem o pobre amparou,
Dai-lhe tantas alegrias
Quantas fomes e agonias
Ao desvalido atalhou.

VISCONDE DE PINDELLA.

TYP. AMERICANA DE JOSÉ SOARES DE PINHO

Rua da Alfandega n. 210.